

SEARA NOVA

NÚMERO 8

15-11-1922

POLÍTICA INTERNA

As eleições — Um incidente diplomático

: : — A crise e o novo governo : :

O resultado das eleições é, ao mesmo tempo, um sintoma e uma advertência. Exprime o descontentamento por uma política sem idealismo e sem orientação; é ainda, em parte, a distância de três meses, um eco de protesto contra os atentados de 19 de Outubro, sob o critério simplista de atribuir ao regime a anarquia que alastra no mundo inteiro.

Os monárquicos constitucionais parecem ter re-adquirido, pelo menos passageiramente, o predomínio sobre os integralistas. Supõem eles, pelo resultado das eleições de 5 do corrente, a situação política de hoje comparável à crise monárquica nas últimas eleições antes do 5 de Outubro. É uma ilusão das suas aspirações reanimadas. Todos os regimes têm crises, muitas vezes prenúncios de reacções salutares. Há, para além desses incidentes passageiros e necessários a directriz poderosa da época; sob a agitação terrível, mas superficial e incerta, a grande corrente das ideias e dos interesses novos. Já o espírito aristocrático de Renan se referia, há mais de trinta anos, aos ideais democráticos triunfantes, dizendo: «on ne remonte pas un fleuve»; e, no entanto, como se estava ainda longe da sociedade de agora, em que se quebraram quase todos os velhos moldes e as novas fórmulas de guiar os homens têm de obedecer aos interesses de milhões de emancipados! O que era a corrente forte dum rio, é agora o turbilhão, o fragor alarmante para os partidários de todos os credos — derrocada a que os conservadores tentam opôr os diques da tradição inviolável, o autoritarismo, a repressão, armas inúteis e perigosas, que se lhes vão quebrando, uma após outra.

Não somos contra a tradição, como de resto nenhum espírito culto. Mas há uma tradição inerte, que, na sua rigidez, tem para os conservadores um aspecto impressionante de eternidade; e há nela, com efeito, a eternidade das múmias. Existe, porém, uma outra tradição, a tradição revolucionária, tão antiga como a outra e mais forte do que ela. Nesta

tradição se confundem e exaltam todas as ideias inovadoras e os interesses mais elevados dos homens.

Mesmo nos episódios da política portuguesa, minúsculos, se os comparamos à transformação geral das sociedades de hoje — mesmo nesse campo restrito, as últimas eleições não têm uma importância decisiva, como os monárquicos crêem ou fingem acreditar. A sua representação em S. Bento não vai, de resto, além duma mediania de figuras incomparavelmente superiores, sob o ponto de vista parlamentar, ao que foram, nas câmaras monárquicas, Afonso Costa, Brito Camacho, Alexandre Braga e António José de Almeida.

A eleição do sr. Carvalho da Silva e dos seus companheiros de lista tem ainda um significado especial; derivat também do protesto dos proprietários, grandes e pequenos, contra a desorientação do Estado, que consegue unir, num protesto solidário, senhorios e inquilinos, sujeitos à mesma espoliação vexatória. Pela improvisação legislativa, pela pulverização partidária, pelo lançamento iníquo de impostos, que esmagam o pobre e de que se ri o especulador impune, pela ausência de idealismo na acção governativa, pelos aspectos duma anarquia cujas responsabilidades, em grande parte, não lhe cabe — a República teve, nas últimas eleições, um aviso salutar. Há que substituir à idolatria dos caudilhos, ao cultivo dos interesses baixos, ao fanatismo partidário, ao egoísmo boçal — o culto das ideias, uma tolerância, uma abnegação, que, na crise pavorosa a que chegámos, deveria ser, até, paradoxalmente, uma forma de egoísmo superior.

O episódio efêmero das eleições passou. Para a *Seara Nova* continúa a acção lenta, segura, paciente, da sua obra crítica e doutrinária. Sabemos bem que as ideias germinam lentamente nas consciências, como as sementes no seio da terra. Só nos resta condenar, com repugnância, ter havido círculos eleitorais onde o aniquilamento da morali-

dade pessoal e política ligou republicanos a monárquicos... contra republicanos!

Na incerteza da hora presente, tão revoltante como tal conluio se tornou, para os republicanos, o incidente diplomático do governo com o comandante duma esquadra estrangeira. Felizmente o governo inglês condenou, sem demora, a audácia insolente do subordinado, cujo acto teve uma significação excepcional, não pela sua personalidade medíocre, mas pela comissão honrosa que o seu governo lhe confiara e a que elle não soube corresponder com a tradicional correcção de militar disciplinado.

Do estrangeiro—já não é só de Espanha—não vem, decididamente, bom vento. O estadista que, nos onze anos do início da República, moldou nas suas mãos fortes e grosseiras de plebeu esta grosseira e fraca democracia; que, depois de reivindicar para o povo a verdadeira força soberana, no apuramento escandaloso dos 50 milhões de dolars deu apressadamente a jornais as explicações que

negou ao Parlamento; esse homem, a quem os eleitores perdoaram, por generosidade ou inconsciência, a verdadeira negação do espirito democrático, numa questão tão escurecida por suspeitas de ordem moral,—nas horas de todas as incertezas e de todos os desalentos, de todas as amarguras e das maiores provações, vivendo longe da Pátria, no prestígio material que ela largamente lhe concedeu—olha com suprema indiferença a «piolheira» de D. Carlos, a piolheira que lhe deu alento e renome e fama, esta piolheira desgraçada por cruciantes misérias. E enquanto lá fora, em Paris, o grande *jouisseur* se pavoneia nos «boulevards» e pelas salas da sucursal do Banco Ultramarino, aqui, no Terreiro do Paço, doze comparsas amáveis, de maior ou menor valor, prestam-se a representar um novo *intermezzo* governativo, sobre o qual, como de costume, dentro em pouco, baixará rapidamente o pano.

CAMARA REYS.